

29 ABR 1994

JORNAL DA TARDE

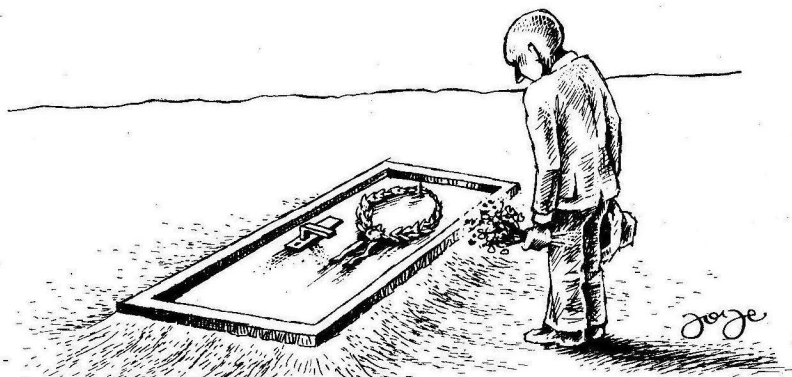
Agressão aos mortos

MAURO SANTAYANA

Chego um pouco atrasado ao assunto, mas creio chegar ainda a tempo. Houve quem dissesse que Tancredo não acreditava em eleições diretas e atuava, desde o início, para disputar a Presidência da República no Colégio Eleitoral. É uma pena que o debate, vindo à baila dez anos depois de derrotada a emenda Dante de Oliveira, coincida com os nove anos de desaparecimento do grande brasileiro. Isso torna a agressão ainda mais repulsiva. Os mortos são mortos, não podem defender-se da insolência dos adversários que sobreviveram.

Tancredo nunca temeu as eleições diretas, porque, se as temesse, estaria contrariando o seu próprio passado. No caso da campanha de redemocratização do País, ele sabia, como sabiam todas as pessoas sensatas, da dificuldade em obter, de um Parlamento ainda acuado, com os parlamentares sentindo nas nádegas as vergastadas do AI-5, emenda constitucional que restabelecesse o sufrágio universal para a Presidência da República.

Mesmo assim, meses antes da votação do projeto, Tancredo, Montoro e Richa se articularam para um encontro dos governadores eleitos pela Oposição, com o objetivo de traçar estratégia comum em busca da redemocratização imediata do País. A proposta do encontro, algumas semanas antes que ele se articulasse, partiu, no entanto, de um político conservador. Foi o sr. Roberto de Abreu Sodré que o sugeriu, e sugeriu que os governadores se reunissem em uma das grandes usinas hidrelétricas de Minas ou de São Paulo, que dispõem de acomodações e se localizam fora das grandes cidades. Tancredo, aceitando a sugestão do encontro, opôs-se a que ela se desse



TANCREDO NUNCA TEMEU AS ELEIÇÕES DIRETAS, PORQUE, SE AS TEMESSE, ESTARIA CONTRARIANDO O SEU PRÓPRIO PASSADO.

“longe da luz do Sol”. “Temos que nos reunir à vista de todos, com a imprensa presente” — disse.

Era necessário motivo para a reunião, e o motivo, para efeito externo, foi o da situação econômica difícil dos Estados. Um colaborador de Tancredo esteve no Paraná e, juntamente com o sr. Otto Bracarense, que era chefe da Casa Civil do governador José Richa, organizou as bases da reunião. Para todos os efeitos, a iniciativa seria dos secretários da Fazenda e de Planejamento dos Estados. Os secretários se articularam, e se decidiu que o encontro seria em Foz do Iguaçu. Todos os governadores do PMDB, com exceção, se não falha a memória, do sr. Iris Resende, foram ao encontro. Brizola não foi por uma razão séria: no dia da abertura o general Figueiredo visitou o Rio. Não foi, mas mandou seus secretários.

Reunidos, os governadores decidiram colocar na nota oficial sobre o encontro, que tratava de temas econômicos, a

mensagem que importava: um parágrafo exigindo as eleições diretas. Coube a um colaborador de Tancredo redigir o parágrafo que, por necessidade de clareza, teve seu estilo sacrificado. No parágrafo, se nos ajuda a memória, os governadores “conscientes de sua responsabilidade história”, instavam “o Congresso Nacional”, a fim de que aprovasse emenda constitucional restabelecendo as eleições diretas para a presidência da República, “ainda para a sucessão do general Figueiredo”. O sr. Franco Montoro achou que era necessária essa clareza, para impedir que se marcassem as eleições diretas para as calendas.

Assim começou a campanha. Tancredo achava que dificilmente o governo deixaria de acionar todos os seus recursos para impedir a aprovação da emenda, mas que era necessário esgotar todos os esforços a fim de obtê-la. Segundo Tancredo, o governo temia menos perder a eleição no Colégio do que perdê-la nas ruas. Seria impossível

impedir que os vinte anos de arbítrio viessem à luz do meio dia em um confronto de candidatos. Exatamente por saber dessas dificuldades, Tancredo mobilizou o sr. Fernando Lyra para que ele fizesse um trabalho de convencimento junto aos parlamentares do PDS em busca de votos em favor da emenda. Lyra, em nome de Tancredo, “cabalou” e obteve alguns votos no lado governista.

Quando a emenda foi derrotada no Congresso, Tancredo resolveu enfrentar o Colégio Eleitoral. Aliás, ele já estava decidido a isso, na hipótese de rejeição da emenda. Preparara o seu espírito para se confrontar a Maluf, em qualquer terreno, “por uma questão de patriotismo”, como disse a Ulysses em viagem de Curitiba a Porto Alegre, no início da campanha de rua pelas eleições diretas.

Essa decisão se oficializou na véspera do prazo de desincompatibilização, no Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte, em jantar a dois. Ulysses chegou ao Palácio acompanhado de Renato Archer e de José Aparecido, que o deixaram a sós com Tancredo. Na saída do Palácio, convém lembrar com justiça, Ulysses se referiu ao entendimento com Tancredo, explicando que se empenharia a fundo na campanha indireta, embora achasse difícil vencer os argumentos pecuniários do adversário.

Estes são os fatos. O resto devia ser o silêncio. O silêncio de respeito diante de um túmulo austero em São João del Rey.

O AUTOR
Mauro
Santayana
é jornalista

